

Política exteriorA Suíça e o colonialismo

A Suíça e o "ano africano"



Suíça como modelo da democracia: estudantes originários de países em desenvolvimento assistem a votação em praça pública no cantão de Appenzell Rhodes exterior. Dodis.ch

O ano simbólico da descolonização da África. Em 1960, 17 países conquistam a independência das potências coloniais. A Suíça estabeleceu rapidamente relações diplomáticas com os novos Estados. O lema era "cooperação". Mas a política externa do país estava voltada para os interesses econômicos, o que trazia contradições como era o caso com a África do Sul.

18. julho 2020 - 09:00

Andrea Tognina

Outras línguas: 4

Em 1960, exatamente 60 anos atrás, a evolução política na África se acelerou. Já em janeiro, os círculos diplomáticos internacionais começaram a falar do "Ano Africano" ou "Ano da África", tendo em vista as aspirações de independência das colônias. Em dezembro de 1960, nada menos que 17 países, a maioria deles ex-colônias francesas na África Ocidental, haviam conquistado a independência.

A descolonização teve um forte impacto sobre a comunidade internacional. "A maré do nacionalismo africano varre tudo o que está por vir e coloca um desafio às potências coloniais, que devem se redimir pelos anos de injustiça e crimes cometidos contra o nosso continente", criticou Kwame Nkrumah, presidente de Gana, em um discurso feito em outubro de 1960 na Assembleia das Nações Unidas.

Enquanto a onda anticolonial levantava muitas esperanças de um futuro melhor para a África, ela abriu outras fissuras no continente. Uma delas foi a crise do Congo. A ex-colônia belga mergulhou no caos e recebeu uma das maiores missões na história da ONU. Na África do Sul, o massacre de manifestantes pacíficos em Sharpeville, em 21 de março de 1960 pela polícia, marcou o início do progressivo isolamento internacional do regime

Reconhecimento urgente

dos escritórios de advocacia em Londres, Paris ou Bruxelas", afirma Sacha Zala, diretor do [Centro Suíço de Pesquisa de Documentos Diplomáticos](#) (Dodis). "Em 1960, Berna deve criar uma nova rede de missões diplomáticas."



Este artigo faz parte de uma série dedicada às "Histórias da Diplomacia Suíça", em colaboração com os Documentos Diplomáticos da Suíça (Dodis). O centro de pesquisa Dodis, um instituto da Academia Suíça de Humanidades e Ciências Sociais em Berna, concentra-se na história da política externa suíça e das relações internacionais desde a criação do Estado Federal em 1848. Dodis

Como o caminho para a independência dos novos países estava dentro de um quadro legal "regular" - ou seja, com o consentimento das potências coloniais - a Suíça pode fazer rápidos progressos com reconhecimento diplomático.

Nova corrida à África

Além dos ajustes diplomáticos e técnicos, a reação da Suíça era também uma expressão de interesses políticos e econômicos concretos. "A independência dos estados africanos oferecia à Suíça a oportunidade de participar da nova corrida pela África", ressalta Yves Steiner.

"Seremos capazes de intensificar nossas relações comerciais e de investimento através do aumento do contato direto com esses países [...]. A existência de proteção diplomática torna essas áreas mais atraentes comercial, industrial e financeiramente para a nossa economia", escreveu o diplomata suíço Edwin Stopper, que estava em missões de averiguação na África no início dos anos 1960.

Nos anos seguintes, Berna entrou em negociações comerciais com vários países africanos. Em março de 1962 foi concluído um acordo de comércio, proteção de investimentos e cooperação técnica com a Tunísia, que deveria servir de modelo para acordos similares assinados no mesmo ano com o Níger, Guiné, Costa do Marfim e Senegal. Seguiram-se outros acordos.

Passado não colonial

Em suas relações com países recém-criados, Berna tinha uma vantagem: na África, a Suíça não era vista como uma potência colonial. "Ela é conhecida pela neutralidade. As pessoas sabem que ela não tem um passado imperialista nem colonial, e a tratam com confiança", observou o embaixador Raymond Probst no final de uma viagem à África Ocidental.

Aos olhos da diplomacia suíça, a boa imagem da Suíça no continente africano podia ser um antídoto para a influência comunista, que Berna via como a "verdadeira ameaça". "As chances de sucesso para os comunistas são muito maiores na África do que em qualquer outro lugar", disse Petitpierre em uma conferência de embaixadores em 1960.

E ele continuou: "Acredito que a Suíça pode dar uma contribuição positiva porque há confiança em suas instituições democráticas e porque esta superou as dificuldades decorrentes de sua alteridade".

Em termos concretos, Berna oferecia apoio na resolução de conflitos políticos no continente africano. O caso mais conhecido dizia respeito ao papel da diplomacia suíça nas negociações que levaram aos [Acordos de Evian](#), firmado entre os nacionalistas argelinos e o governo francês, em março de 1962. Era um pré-requisito para a independência da Argélia.

ONU pode se tornar supérflua?

No momento em que Genebra celebra o 75º aniversário das Nações Unidas em 2020, será que esta ordem mundial é capaz de responder às enormes mudanças...

Em 1960, a Suíça, embora não fosse membro das Nações Unidas, também respondeu ao pedido do então secretário-geral, Dag Hammarskjöld, para fornecer assistência técnica, médica e administrativa no âmbito da missão da ONU na [República Democrática do Congo](#).

Os inícios da cooperação

Por outro lado, o crescente foco da Suíça na África também fazia parte de um compromisso firmado na cooperação internacional para o desenvolvimento. "A abordagem suíça não se baseia apenas em interesses específicos, mas também nos princípios da solidariedade", observou Ives Steiner.

Em 1960, foi criado o Serviço de Cooperação Técnica, que centralizou as atividades de apoio ao desenvolvimento no Departamento de Política Federal, posteriormente no ministério suíço das Relações Exteriores (EDA, na sigla em alemão). No ano seguinte, o Parlamento aprovou um aumento substancial dos créditos para cooperação técnica, e disponibilizou 60 milhões de Francos para um período de três anos.

Enquanto a cooperação para o desenvolvimento da Suíça inicialmente se concentrava principalmente nos países asiáticos, especialmente Nepal e Índia, a África logo passou a ser o foco do envolvimento suíço.

Newsletter

[Assine a newsletter da swissinfo.ch e receba diretamente os nossos melhores artigos.](#)



Berna se concentrava em países pequenos "onde a assistência da Suíça era relativamente mais significativa e seus efeitos mais fáceis de monitorar". A ajuda na África se concentrou inicialmente na Tunísia e Ruanda, "uma região verde montanhosa que se assemelha ao Emmental", depois em Camarões e Dahomey, e nos anos 70 no Quênia e Madagascar.

Devido ao forte engajamento da Suíça em [Ruanda](#), o genocídio da minoria Tutsi lá, em 1994, deu origem mais tarde a muitas discussões sobre o significado e os limites da cooperação para o desenvolvimento.

África do Sul como hipoteca

No entanto, o relativo sucesso da Suíça em lidar com a descolonização na África no início da década de 1960 teve um lado controverso: as estreitas relações econômicas e financeiras com a África do Sul e a recusa em aderir às sanções da ONU contra o regime racista do apartheid em Pretória.

Embora alguns políticos suíços tivessem condenado essas relações já 1968, o setor privado continuava fazendo negócios com um país boicotado pela comunidade internacional.

"A Suíça continua decepcionando a África, embora pudesse ser um exemplo para a África. A África apenas exige a aplicação dos altos princípios fundamentais, que tornaram a Suíça uma potência, na África", observou o secretário-geral da Organização da Unidade Africana, Diallo Telli, em 1971, em conversa com o embaixador em Adis Abeba, Heinz Langenbacher.



Por que o ponto alto da escalada não é o cume

26. out 2020 Recentemente, me perguntaram por que eu escalo. Por que tanto esforço para ficar no cume apenas 15 minutos?

"Os círculos empresariais suíços devem ser convencidos de que seu envolvimento nas áreas dominadas pelos brancos [Telli referia-se à então Rodésia e à África do Sul] é estreito e imediatista, e um dia o tiro sai pela culatra."

Palavras-chave: [POLÍTICA](#) [ECONOMIA](#)

Os comentários do artigo foram desativados. Veja aqui uma visão geral dos [debates](#) em curso com os nossos jornalistas. Junte-se a nós!

Se quiser iniciar uma conversa sobre um tema abordado neste artigo ou se quiser comunicar erros factuais, envie-nos um e-mail para portuguese@swissinfo.ch.

[Mostrar mais](#)

Viúva de diplomata morto no Iraque critica ONU

24. mai 2020 Lembrado em Genebra por um monumento e uma fundação, o diplomata da ONU morto pela Al Qaeda em um atentado em 2003 no Iraque se tornou filme na Netflix.

Quem precisa dos bons ofícios da Suíça?

A diplomacia suíça tem uma longa tradição de diálogo com todos os lados "para construir confiança".

A neutralidade sui de fato?

13. mar 2020 O caso de internacional em torno d uma lembrança dos bon tempos em que a Suíça dois blocos durante...



[Quem somos](#)

[Relatório anual](#)

[Expediente](#)

[Política de Privacidade de Dados](#)

[Newsletters](#)

[Contato](#)

[Ofertas de emprego](#)

Acompanhe-nos



RTS

SRF

RSI

RTR